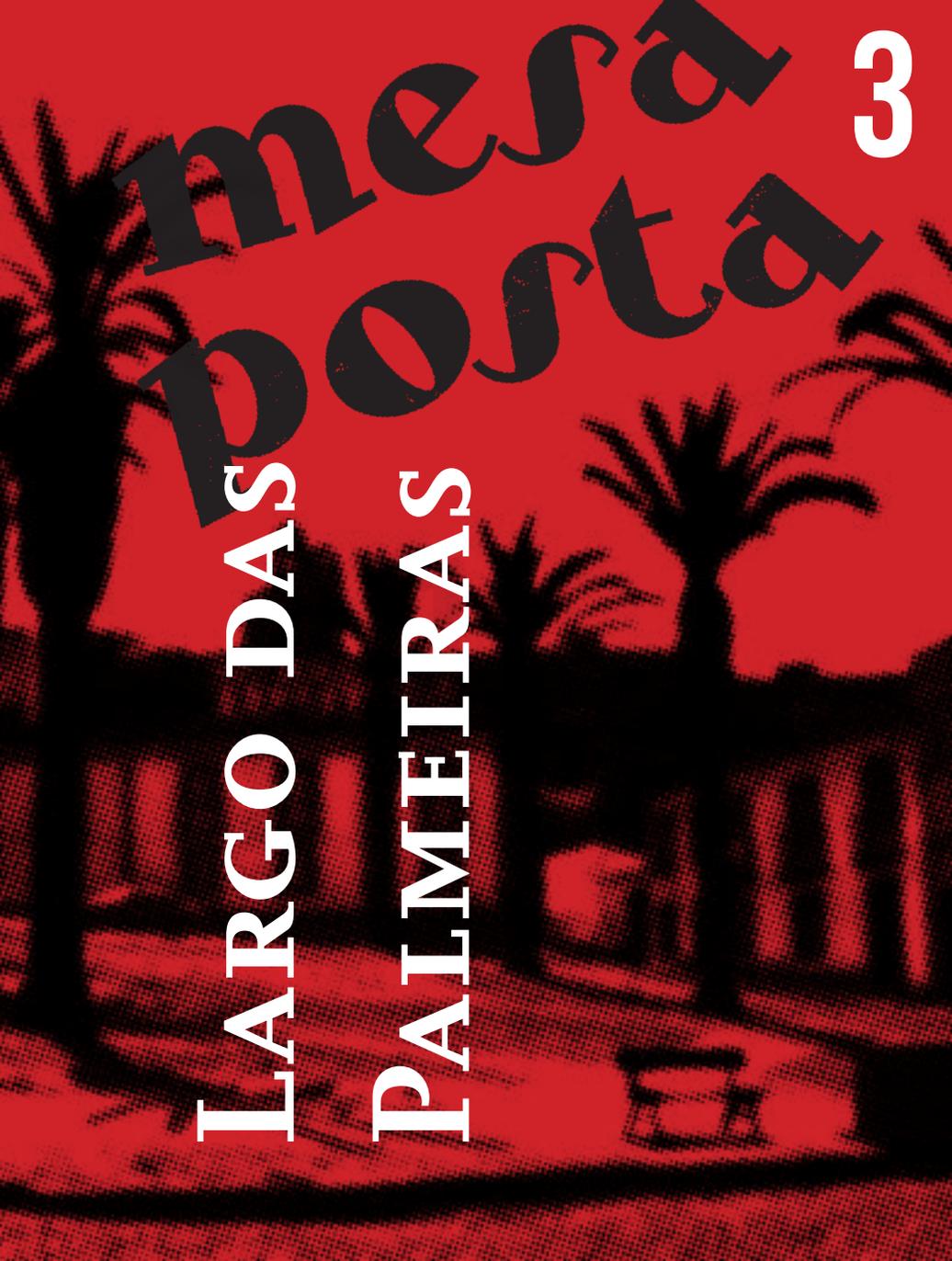


# mesa Bosta

3

LARGO DAS

PALMEIRAS



# Viver a Cidade

Virgínia Fróis

## *Fazer nossa a Cidade*

Viver será deslizar no tempo, nas referencias que as paisagens produzem em nós, ficções, imaginações.

No acto de percorrer os lugares estabelecem-se conexões entre o real e as nossas memórias.

Sentir o irregular das pedras que os nossos pés taceiam com cuidado. Sobrepostas as pedras e os passos, o tempo e as vidas já vividas.

Parar muitas vezes e olhar, um espelho que nos devolve a densidade de existir, o aqui agora.

Ver.

Como é que a cidade move o nosso pensamento e propõe um transito do visível para o invisível?

O filosofo José Gil, falava a propósito do *Livro do desassossego* de Bernardo Soares (um outro) de uma névoa sobre as paisagens que nos permitem ver para além do real, como a nossa imagem num espelho nos permite aceder ao duplo que existe em nós. Uma emoção breve, um pulo para o virtual.

Por um momento breve o passado e o futuro agora.

Emoções... um ver para além de. Por um momento uma visão interior. Pensamos com visões? \*

(\*) A partir da frase final *O artista pensa com visões*, proferida por José Gil  
Colóquio "O dia Triunfal de Fernando Pessoa" FCG,  
Março 2014



“Fez sábado oito dias, é que houve qualquer coisa aqui de S. Domingos, e andaram aqui. Por acaso, olha, vim ver! Gostei de ver aquilo. (...) Pessoas que andam na Universidade Sénior. E uma vizinha minha é que disse “Vai ver ali ao Largo!” e eu vim ver, e gostei! Eram os professores a dizerem umas palestras. Coisas que eles disseram, que eu no meu tempo não me lembro nada disso, que isto era o Largo n’a sei de quanto.”

4

“Isto aqui é um pouco movimentado, ‘tamos na zona histórica, n’ê? Passa aqui tod’a gente. (...) costuma haver muita gente aí parada nos bancos, e assim, sentados, mais pessoas de terceira idade.”

5

Memórias Curtas 33

Janeiro  
numa das nossas digressões pelo centro histórico da cidade, a certa altura abrandámos o passo e parámos para contemplar, mais uma vez, a antiga Praça da Hortaliça.

No tempo da realeza, muito provavelmente devido às touradas que ali tiveram lugar, o largo chamava-se

Terreiro do Corro. Depois, os republicanos rebaptizaram o espaço, que passou a ter o nome de Praça Dr. Miguel Bombarda. A maioria dos montemorenses insiste em chamar-lhe Largo das Palmeiras. Há hábitos que dificilmente se desenraízam da alma das gentes.

Movidos, talvez, pela paixão do teatro, sempre que olhamos para o recinto imenso, imaginamos um enorme anfiteatro ao ar livre, uma espécie de theatron dos gregos. Outras vezes, concebemos um palco majestoso, que nem sequer precisa de cenário de fundo. A tela já lá está, naturalmente bela. As palmeiras, essas, substituem, quase na perfeição,

as bambolinas e as pernas de flanela com que se vestem os espaços cénicos.

Entretanto, alguém que passou entre nós e as palmeiras chamou-nos a atenção para o velho urinol que esteve ali de plantão, anos a fio. No seu lugar, existe agora um moderno contentor de lixo. Bem vistas as coisas, vai tudo dar ao mesmo!

Quando éramos miúdos, o urinol de metal cinzento fazia lembrar um quiosque de venda de bilhetes, revistas e jornais, semelhante àqueles que víamos nas grandes avenidas de Lisboa. Outras vezes, aquela guarita, meio corroída, aparentava ser um posto de sentinela avançado, na defesa do castelo. Fantasias de gaiatos!

Afastámo-nos mais um pouco. De tanto recuar, ficámos encostados à porta da Carmina Catita, a mais antiga residente da Praça. Entrámos para conversar.

A Carmina, que ainda ajudou a mãe Natália na venda de fruta e hortaliça, falou- -nos dos tabuleiros de madeira, alinhados debaixo das palmeiras, sobre os quais se amontoavam os produtos frescos das hortas e pomares. Depois de nos garantir que a sua actual moradia foi, em tempos, um

movimentado café, a nossa anfitriã fez um retrato à la minuta do que foi, há umas décadas, a antiga Praça.

Ali mesmo ao lado ficavam o stand e a bomba de gasolina do Jaime Ernesto dos Reis, o mesmo que patrocinava a tradicional Queima do Judas.

Jaime Reis e Hermes Portela engendravam ainda emissões de rádio, que se ouviam em todo o largo, mas também na Pedrista e nas poucas casas que tinham telefonia. Continuámos a rodar o nosso olhar pela velha Praça. Encravada no canto, situava-se a casa do Gabriel da Azinheirinha, que dava para a antiga Rua da Mancebia, onde se guardavam animais e carroças. Do outro lado, junto à esquina, havia o talho e o Café do Isidoro dos Santos, a casa do Ferrinho, a sapataria do Luís Lopes Canas, sempre cheia de aprendizes. Falámos ainda da oficina de latoeiro/funileiro, que pertencia ao Joaquim M. Nogueira, e de outros estabelecimentos comerciais. A Praça era, sem dúvida, um dos grandes "Shopping Centers" de Montemor.





1988



### Recuperação Paisagística da Praça Dr. Miguel Bombarda - Largo das Palmeiras -

A Câmara Municipal, como forma de controlar o preço de manutenção das palmeiras na Praça Dr. Miguel Bombarda, vai proceder, durante os próximos meses, à recuperação paisagística da praça. Para o efeito, serão mobilizados trabalhadores, máquinas e equipamentos da Autarquia, para executar os trabalhos necessários à plantação de nove novas palmeiras, em substituição das existentes, cuja caracterização apresenta uma maior inocuidade à praça.

Os trabalhos a desenvolver, compreendem:

- 1) O abate, remoção e transporte, para destino adequado, das palmeiras existentes na Praça;
- 2) A remoção do calçado na envolvente das calçadas;
- 3) A remoção dos raios;
- 4) A preparação das calçadas para plantação de novas palmeiras;
- 5) A plantação de palmeiras;
- 6) O arranjo da calçada.



Para a Câmara Municipal a execução dos trabalhos necessários, relativos à recuperação da praça para os próximos meses, encontra-se em fase de avanço com a obra em curso.

Desde já, a Câmara Municipal agradece!



MUNICÍPIO DE FARO



# CORRO ( TELHEIRO DO )

- Antiga designação da actual Praça Dr. Bombarda. Nos séculos XVI e XVII era chamada Corro dos Touros, topónimo que tem origem no facto de aí se correrem touros nas festas mais importantes, como o Corpo de Deus. Nessas ocasiões o terreiro era rodeado de bastidas, paredes de madeira que fechavam o recinto em que as corridas se realizavam <sup>(1)</sup>. Em 1624 Duarte Dias tinha "umas casas (...) no arrabalde deste vila no terreiro do Corro onde correm os touros" <sup>(2)</sup>. Em 1718 o juiz e vereadores da vila contrataram com o Mestre pedreiro Manuel Pires " a reedificação das casas das varandas da Câmara sitas no terreiro do Corro desta vila, por estarem demolidas (...) fazendo três janelas rasgadas de sacada para delas o Senado da Câmara poder ver os touros, havendo-os e mais festas que no Dito terreiro se fizerem, fazendo

outrossim uma ou duas casas em cima do vão do touril sobre o arco que tem de permeio para as casas do padre Francisco Pereira da Silva, ficando o vão de baixo livre para nele se meterem os touros, havendo-os." <sup>(3)</sup>

Em 1858 a Câmara determinou a realização, no Corro, do mercado de fruta e hortaliza, tendo para isso mandado terraplenar e arborizar o recinto.<sup>(4)</sup> Este topónimo foi substituído por Praça Dr. Bombarda em 11 de Outubro de 1910.<sup>(5)</sup>

<sup>(1)</sup> AHMMN, 2 K 10, f. 53 v. - 1616; *Idem*, A 1 D 32 - 1672; *Idem*, A 1 D 33 -1673; *Idem*, A 1 D 35 - 1676; *Idem*, A 1 B 77 - 10.12.1718

<sup>(2)</sup> *Idem*, 4 K 5, f. 112 - 13.3.1624

<sup>(3)</sup> *Idem*, 15 K 2, f. 130 - 31.12.1718

<sup>(4)</sup> *Idem*, A1 B159, f. 81, 110, 143 v. e 181.

<sup>(5)</sup> *Idem*, A 1 B 179, f.5

(nota: os números originais destas referências eram: 118 - 122)

Artigo publicado na Folha de Montemor, coluna Passeio pela História da Cidade por Jorge Fonseca:

## O largo actualmente designado

**Dr. Bombarda** - homenagem do município, em Outubro de 1910, ao grande psiquiatra e republicano morto nas vésperas da implantação do novo regime (1) - chamou-se durante vários séculos e até àquela data Terreiro do Corro. Assim aparece já denominado nos séculos XV e XVI (2). No século XVII é quase sempre chamado Corro dos Touros, perdendo nos séculos seguintes esta última particularização.

Sabe-se que nele se realizavam, pelo menos do século XV ao século XVII, as corridas de touros promovidas pela Câmara, nomeadamente durante a festa Corpus Christi. Esta celebração, comemorada por todo o país, constituía, na vila, das mais importantes do ano.

Segundo parece, os touros usados nas corridas eram guardados num touril que ficava por baixo da casa das varandas, que a Câmara tinha no cimo do largo. Desta casa assistiam as autoridades aos espectáculos.

Em 1718 foi arrematada a reconstrução desse edifício, por estar arruinado, ao

pedreiro Manuel Pires, que se obrigou a fazer "tres ianellas rasgadas de sacada para dellas o Senado da Camara poder ver os touros, e mais festas da Camara que no dito terreiro se fizecem ( ) fazendo outrossim também huma ou duas cazas en cima do vão do touril sobre o arco que tem de premeio pera a banda das cazas do Padre Francisco Pereira, ficando o vão de bacho livre pera nelle se poderem recolher touros avendo os". O arrematante ficava a dispôr da posse do edifício e a Câmara da serventia dele na ocasião das festas. Mas no caso de a mesma vir a fazer "cadea e cazas da camara no terreiro dos alimos (o local onde hoje se situam os paços do concelho), e que no tal terreiro se corrão os touros e se façam as mais festas da Camara", a casa ficaria livre para o arrematante, com a obrigação de um foro anual de um tostão, pago pela Páscoa (3).

Banha de Andrade revelou alguns dados com bastante interesse sobre as corridas de touros em Montemor nos séculos XV e XVI (4). Os documentos que refere sobre o uso de touros em pontas são muito curiosos. Por determinação régia não era autorizado correrem-se touros naquela região: "per hordenançam de nossos Regnos he que quaeesquer touros que quise-rem correr em corro, que lhes cortem os cornos". Mas a Câmara, em 1455, pedia em cortes que não fosse

obrigada a cumprir essa determinação, a exemplo do que sucedia com Elvas e Estremoz, e a resposta do rei foi favorável: "A esto responderemos que nos praz que os possaees correr sem lhes cortades as dictas pontas, sem embargo de qualquer ordenaçam sobrello em contrairo fecta" (5). No artigo nº XII desta série vimos também que foram corridos touros na passagem pela vila da infanta D. Maria, em 1543. O texto aí transcrito não refere o local. Teria sido no Corro? É bem possível. Dentro da cerca da vila, actual "castelo", é pouco provável, por falta de espaço. O terreiro maior devia ser o "do Pelourinho", junto à Câmara, que teria reduzidas dimensões.

A arte tauromáquica sofreu no século XVI alguns obstáculos. O papa Pio V proibiu, em 1567, que se corresse touros em festas religiosas, por considerar tais actividades "cruéis e torpes espectáculos de demónios e não de homens" alheios da piedade e da caridade cristã, apelando aos monarcas para as não permitirem e proibindo os clérigos de a elas assistirem. No entanto, em 1582 Filipe II consegue um breve pontifício permitindo as corridas desde que não fossem em dias de festas religiosas e não implicassem perigo de vida (6). Pelo interesse que poderá ter para se conhecerem as corridas de touros em Montemor há 300 anos, vou alinhar

alguns dados que reuni em documentos municipais do século XVII, todos referentes à festa do Corpo de Deus e de corridas realizadas no terreiro do Corro.

Em 1648 correram-se seis touros. A Câmara notificou previamente os indivíduos que, obrigatoriamente, os forneceram à sua custa: os mercados que abasteciam a vila de "pão de mar" (cereais importados) dariam dois touros, o conjunto dos estalajadeiros da vila e seu termo, um touro, e os outros, três outros indivíduos, que habitualmente eram os rendeiros da Câmara, ou seja, os arrematantes das multas da mesma. Os touros destinavam-se a serem corridos "de copos" (7). Havia um touro, normalmente comprado pela Câmara, destinado a ser morto e repartido pelos pobres. Em 1631 há referência ao "touro que a camara comprou pella festa do corpo de deos e se coreo e matou e deu aos pobres na forma costumada", o qual fora trazido do termo de Coruche "com suas vacas" por um Leonardo Martins, vaqueiro (8).

Em 1672 o Corro era cercado com um "tapigo" de madeira e as ruas que lhe davam acesso obstruídas "com carretas". Vários indivíduos se encarregavam de "lançar os touros fora" do touril e de os recolher novamente. Veio um toureiro de Benavente, gastaram-se "duas duzias de garrochas de farpa para sortes",

houve charamelas e matou-se também um touro que depois foi esfolado e distribuído pelos pobres, vendendo a Câmara o respectivo couro (9).

Na maior parte dos anos continua a haver referência apenas a um toureiro (10). Em 1674 a Câmara custeou "três jogos de touros", o toureiro voltou a vir de Benavente, acrescentando-se uma despesa de 400 reis "do chumbo para o espantallo" (11). Em 1676 além do toureiro houve também "huns mossos que fizeram huas sortes" (12), mas no ano seguinte, havia já dois toureiros, o de Benavente e "outro toureiro mulato de estremoza que veio a merce", aos quais se deram "os ferros de farpa com que toureirão os toureiros".

Na casa chamada das varandas armava-se neste tempo uma "varanda e dossel" (14) e dela a Câmara assistia à festa.

(1) – O Dr. Miguel Bombarda, célebre médico e director do Hospital de Rilhafoles, foi morto por um doente mental a 3 de Outubro de 1910.

(2) – A.H.M.M.N. – Livro de Vereações de 1503, 1504-A 1 B 3; A. A. Banha de Andrade, *Festas e feiras em Montemor-o-Novo*, ed. Grupo dos Amigos de Montemor-o-Novo, Lisboa 1984.

(3) – A.H.M.M.N. – Fundo Notarial, 15 K 2, f. 130.

(4) – A. A. Banha de Andrade, *Obra citada*, p. 46-55.

(5) – A.N.T.T., *Odiana*, Liv. 3, f. 130 v., citado na obra atrás referida.

(6) – A. A. Banha de Andrade, *Obra citada*, p. 55.

(7) – A.H.M.M.N. – Livro da Ementa de 1645-A 1 B 26.

(8) – A.H.M.M.N. – Livro ??? (esta referência não está legível no artigo...)



## Pequeno texto sobre o Largo das Palmeiras

No ano de 2001 teve início a 1ª M.I.F. (Mostra Internacional de Folclore), realizada no Parque de Exposições e Feiras com organização do Rancho Folclórico Fazendeiros de Montemor-o-Novo e Câmara Municipal de Montemor-o-Novo.

Após algumas edições da M.I.F. neste local sentimos a necessidade de trazer este evento para o centro da Cidade, para um espaço histórico, posto isto e após analisarmos vários espaços na Cidade concluímos que a Praça Dr. Miguel Bombarda, mais conhecida por Largo das Palmeiras, seria o local ideal para a realização desta Mostra, visto que a sua inclinação seria como um anfiteatro natural.

Nos anos em que realizámos a M.I.F. no Largo das Palmeiras inúmeros

Países se fizeram representar, como por exemplo: México, Taiwan, Sérvia, Rep. Checa, Venezuela, Costa Rica, Espanha, França, Polónia entre outros. Podemos assim dizer que este Largo já acolheu gente dos quatro cantos do Mundo.

No entanto, com a M.I.F. a crescer de ano para ano e a atingir aproximadamente as 3500 pessoas em cada noite do evento, em 2013 surgiu a ideia de nos deslocarmos para a Praça de Touros, pois teria melhores condições tanto para a organização como para o público que poderá assim assistir a este evento mais comodamente. Foram momentos inesquecíveis que passámos neste Largo e esperamos voltar em breve com outras actividades.

*“Então, quando foram esses ranchos, fizeram aqui umas barraquinhas, e vendiam utensílios. Depois aqui, assim, era o palco dos ranchos. Por acaso, gostei! Mas isso já foi p’raí há três anos, ou que é. Acho que é de dois em dois anos, mas este ano não vieram. ‘Ver se para o ano vêm. Olhe, foi o que eu adorei, e encheu-se aqui o largo de muita gente de todo o lado.”*

Sugeriram-me que recuperasse da memória, para contar aos mais novos ou relembrar aos mais esquecidos, uma sigla: **PREC** (Processo Revolucionário em Curso)

Esta evocação obriga a sorrir, e acende um brilho nos olhos. Com Abril, os militares do MFA derrubaram o regime fascista e devolveram a liberdade ao povo. Liberdade para homens e mulheres presos por terem ousado lutar e organizar a luta contra o regime opressor; Liberdade para andar na rua, para reunir, para falar, para se exprimir pela arte, para escrever,

para ter opinião, para defender o direito a ter direitos; O fim da guerra colonial, o fim do medo de partir ou ver partir um filho, um companheiro ou amigo para matar, morrer ou ficar estropeado, numa guerra sem sentido; Foi explosão de alegria e libertação de energias acumuladas. Toda a esperança foi legítima, todos os sonhos realizáveis; E logo foi tempo de construir, de organizar forças, saberes e vontades, de aprender a viver em liberdade, em democracia.

16



Elegeram-se em plenários de população, comissões administrativas para gerir Câmaras, Juntas e Casas do Povo; Organizaram-se Comissões de Moradores, de Bases de Saúde, de Mulheres - fez-se alfabetização e animação cultural, construíram-se postos médicos, lavadouros, estradas-puseram-se a produzir empresas e terras abandonadas; Resistiu-se no local de trabalho, na rua e nos quartéis contra inúmeras tentativas, de diversos tipos, que foram acontecendo (entre Setembro de 74 e Novembro de 75) para travar o processo revolucionário; As leis deram cumprimento ao que se ia construindo na vida e passou a haver direito a voto para todos maiores de 18 anos, salário mínimo, direito a férias, direito à educação e à saúde e elegeram-se a Assembleia Constituinte, nacionalizaram-se terras, bancos e grandes empresas, No Alentejo e no concelho de Montemor-o-Novo, iniciou-se a Reforma Agrária, que havia de aumentar a produção, acabar com o desemprego e melhorar a vida em geral; O PREC terminou com o contra golpe de 25 de Novembro de 75, a partir do qual o sentido da Revolução foi travado, mas sendo ainda aprovada a Constituição em 2 de Abril de 76, que consagrava e ainda preserva no

essencial os direitos de Abril. Na Praça Miguel Bombarda ( Largo das Palmeiras )decorriam nas décadas de 40 e 50 do séc.XX, praças de jorna , onde os capatazes dos proprietários rurais, escolhiam os trabalhadores, a quem iam dar trabalho na semana seguinte, de entre os que aí se juntavam, procurando esse trabalho. O salário era decidido pelos patrões, que o concertavam entre si. Há relatos de várias lutas por trabalho e/ou melhor salário iniciadas a partir destas praças de jorna e terminadas com repressão violenta e algumas com vitórias. Durante o PREC, a Praça Miguel Bombarda e as ruas e outros largos da vila, estiveram vezes sem conta cheios de gente, que reivindicava direitos , festejava conquistas ou denunciava atropelos à Revolução; Nesse tempo, a mesa esteve posta, com o que havia, nas casas, nas cooperativas, nas comissões, para todos os que vieram até Montemor para ajudar na construção da Revolução ou para verem, como era construir um sonho. Encontramo-nos, à volta da mesa, no dia xx/xx/xx.



*“Aqui no largo de resto não costuma haver grandes coisas.”*

*“No que vivo no dia-a-dia, gosto muito disto”*

*“E até já mora além pouca gente. Eu moro nesta rua aqui acima, e morávamos vinte e tais pessoas, e agora não sei se sete se oito pessoas. Umias morreram e outras vão embora, para outras casas n’ê?”*

*“Eu vim para aqui quando casei, já aqui estou quase há quarenta.”*

*“Eu quando vim pr’aqui, mais nova era eu e outra senhora (...) de resto era tudo gente de setenta, oitenta, e tudo ali frequentado, tudo habitado. Mas, se calhar, umas porque morreram, que já eram mais velhotas, outras porque abalaram para outras casas que arranjaram, e outras porque arranjaram emprego noutros sítios e abalaram. Eu, como tenho ‘tado aqui, o meu trabalho é trabalhar a dias, faço aqui uma hora ou duas e é assim o meu trabalho, e vou-me mantendo, penso eu que daqui que não abalo.”*

*“Este espaço lembra-me dos tempos em que eu era miúdo, com as palmeiras antigas que aí estavam ainda meio curtas. Depois morreram infelizmente, hoje estão substituídas por outras. Mas lembro-me sempre deste largo com alguma saudade, como um dos sítios onde eu brinquei com os meus amigos de criança, por aqui... à fisga, aos pardais, tudo brincámos por aqui.”*

*“Eu morei aqui mesmo ao lado. Casei há trinta e três anos, fui morar aqui na rua da Torre da Machada. Vivi aí durante seis anos, depois tive filhos, tínhamos uma casa que ‘tava eu e a minha esposa, (...) num espaço extremamente mínimo. Também se mudámos para a parte mais nova, para ter melhor comodidade, pronto, para criar os nossos filhos n’ê? Mas era um sítio onde não me importava de voltar, porque sinto grande saudade desta zona. Esta zona é um bocado nostálgica, tem um bocado daquilo que eu entendo que deve ser a vertente de qualidade que a vida urbana deve ter antes dos grandes centros. “*

*“Havia mais gente, havia mais trabalho. Agora as pessoas ‘tão a abalar todas, para fora. Só ficam cá é os velhotes e as velhotas.”*

*“Á noite durante o verão os meus vizinhos, e eu às vezes também, trazem as cadeiras pr’aqui para as lérias e para essas coisas.”*

# A mesa

## Receitas de Outono

por Feliciano Varela, Clube Desportivo dos Caçadores de Montemor-o-Novo

### Ensopado de Borrego

- + carne de borrego em pedaços
- + alho
- + cebola
- + louro
- + sopas de pão

Colocar todos os ingredientes em cru a refogar em azeite, incluindo a carne, e deixar cozinhar e apurar.

Servir com sopas de pão alentejano.

### Migas de Espargos

- + pão alentejano duro
- + espargos
- + caldo/gordura da carne de porco temperada (carne de alguidar)

Colocar o pão de molho em água quente, com o caldo da carne temperada. Cozer os espargos, juntar à marinada e levar ao lume, mexendo e virando as migas até ficarem sequinhas/prontas.

Acompanha a carne de alguidar.

### Pézinhos de Coentrada

- + pés de porco
- + cebola
- + alho
- + coentros
- + ovos batidos
- + sopas de pão

Refogar a cebola e o alho em azeite e juntar os pézinhos. Quando estão cozidos os pézinhos juntar os ovos batidos, e no final os coentros picados. Servir com sopas de pão alentejano.

*Receitas gentilmente cedidas pelo senhor Feliciano Varela, do Clube Desportivo de Caçadores de Montemor-o-Novo, reservando os segredos próprios de cada receita da sua cozinha. Para conhecer esses temperos, terá de os ir provar aos “Caçadores”. Casa cheia de 3a a Domingo!*

“Esta zona é considerada uma aldeia. Ou seja, tudo se conhece, tudo se trata por “vizinhos”, ajudamo-nos uns aos outros. Da zona de Montemor, para aquele lado é cidade, para aqui é aldeia. Pelo menos é isso que as pessoas me transmitem. A forma como se convive, faz-me lembrar uma aldeia. Do outro lado é realmente diferente. As pessoas têm menos à vontade, retraem-se mais. Do outro lado da cidade onde já a população é mais jovem, não é tão envelhecida como aqui deste lado. Cada um faz a sua vida sem dar muita satisfação, sem convívio. Aqui não, aqui é diferente.”

Mesa Posta, nº 2 ✕ ✕ ✕ ✕ ✕  
1ª edição ✕ 200 exemplares ✕ ✕  
edição e recolha de conteúdos ✕ ✕ ✕  
Oficinas do Convento ✕ ✕ ✕ ✕  
curadoria Nuno Grenha ✕ ✕ ✕  
edição gráfica Miguel Rocha ✕ ✕  
✕ ✕ neste número colaboraram:  
Jorge Filipe ✕ Nidia Fernandes,  
Nélia Martins ✕ Tânia Teixeira  
✕ ✕ ✕ Volker Sondermann ✕  
Henrique Gabriel Carvalho ✕ ✕  
Nuno Cacilhas ✕ ✕ ✕ Folha  
de Montemor ✕ Olinda ✕  
Virgínia Fróis ✕ Vítor Guita ✕  
Arquivo Fotográfico MMN ✕ ✕ ✕

2014 - Município de Montemor-o-  
Novo e Oficinas do Convento ✕ ✕  
impressão Oficina de Impressão  
- Oficinas do Convento e CMMN

Oficinas do Convento - associação  
cultural de arte e comunicação  
Carreira de S. Francisco, Convento de S.  
Francisco 7050-160 Montemor-o-Novo  
oc@oficinasdoconvento.com ✕ ✕  
www.oficinasdoconvento.com ✕ ✕  
viveracidade.oficinasdoconvento.com

23

"Mais festas, que isto é um largo bonito! Fazer umas festinhas! Olhe, eu gosto tanto! E bailes e isso, gosto muito! Mas pronto, n'a fazem, pois porque n'há verbas, eu não sei." "Ainda sou do meio antigo. Eu gosto muito de ranchos e bailaricos!"

# Mesa Posta

Nas zonas rurais de Montemor-o-Novo, quando chegava o Carnaval, as pessoas punham a mesa. Em cada casa enchia-se uma com comida e bebida, e durante dias, por vezes a semana inteira, a porta aberta recebia os visitantes. As pessoas andavam de aglomerado em aglomerado, de monte em monte, visitando amigos e familiares, encontrando outras pessoas, sempre em volta da mesa posta, de enchidos, doces, pratos tradicionais, vinhos e licores locais. Os acordeões e as gaitas acompanhavam as danças, as conversas, os reencontros e os caminhos. Era a altura de dar tempo para visitar e descontraír, com o inverno no fim a primavera abria porta. Com as transformações que o mundo rural sofreu, com a perda de população e alterações nas actividades agrícolas, este hábito foi caindo em desuso, e hoje em dia já não se faz. Sendo uma prática em relação à qual há bastantes memórias, e havendo um grande carinho daqueles que viveram as mesas postas, faz sentido procurar novos significados e contextos para o dar, oferecer a mesa e celebrar.



Iniciativa



estrutura financiada por



em co-produção com



montemor-o-novo.pt

enquadrado na

